

**AS REVISTAS DE ATUALIDADES NA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA  
DO OITOCENTOS: A *ILUSTRAÇÃO DO BRASIL* E A *ILUSTRAÇÃO POPULAR* DE  
CHARLES FRANCIS DE VIVALDI**

Helen de Oliveira Silva  
Unesp – Câmpus de Assis  
Bolsista FAPESP – Processo nº 2017/ 20828-4  
hdeosilva@gmail.com

**Resumo:** A imprensa ilustrada e humorística produzida por processo litográfico predominou no Brasil no decorrer do século XIX. Entretanto, havia periódicos considerados sérios, que se esforçavam por incorporar em suas páginas a xilogravura, como foi o caso da *Ilustração do Brasil* (RJ, 1876-1880) e de sua congênere, a *Ilustração Popular* (RJ, 1876-1877), ambas do ítalo-americano Charles Francis de Vivaldi (1824-1902), que contou com o auxílio de sua filha, Corina de Vivaldi (1859-1892). Com pretensão de seguir o modelo das revistas de atualidades europeias e norte-americanas, que difundiam por meio do seu conteúdo ideias sobre o progresso das nações civilizadas, essas publicações também tinham o intuito de suprir a demanda de gravuras no Brasil e, portanto, destacaram-se durante os anos finais da década de 1870 por oferecer ao seu público leitor estampas bem-acabadas. Assim, a circulação transatlântica de gravuras, promovida por meio de acordos comerciais de Vivaldi, possibilitou que a comunicação visual desse de maneira quase simultânea entre o Rio de Janeiro e as grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos, além de apropriar-se de gravuras produzidas em solo nacional distinto e as adaptar ao contexto brasileiro.

**Palavras-chaves:** Revistas Ilustradas; Comunicação visual; Charles Francis de Vivaldi;

Os avanços técnicos ocorridos ao longo do Oitocentos, como as estradas de ferro, os navios a vapor, o telégrafo e os cabos submarinos, foram responsáveis pelo encurtamento das distâncias e pela comunicação cada vez mais acelerada. Na imprensa, a inovação na fabricação do papel, a mecanização das prensas tipográficas e os novos processos químicos de reprodução de imagens foi significativo do ponto de vista da produção do conteúdo e da circulação. Os periódicos passaram a incorporar questões da atualidade, as novidades e notícias, substituindo os boletins trazidos nos pacotes pelas notas transmitidas pelo telégrafo. No campo visual, a grande tiragem de impressos ilustrados foi responsável por uma nova forma de representação da vida cotidiana.

Nestes tempos de inovação técnica destacou-se o aprimoramento do processo de confecção da matriz xilográfica, importante para o desenvolvimento da comunicação visual.<sup>1</sup> Surgiram revistas de atualidade<sup>2</sup> que tinham como título o vocábulo “ilustração”, que além da referência às ideias iluministas oitocentistas também se referiu ao próprio uso da imagem, uma novidade e um atrativo comercial na época. Por vezes, estes impressos também utilizaram o subtítulo “universal”, com pretensões de noticiar fatos e acontecimentos do mundo. A fórmula foi inaugurada na Inglaterra pelo *The Illustrated London News* (Londres, 1842-1971) e foi rapidamente seguida por outras nações, a saber, *L'Illustration* (Paris, 1843), *Illustrierte Zeitung* (Leipzig, 1843-1944), *La Ilustración* (Madri, 1849-1857), *Frank Leslie's Illustrated Newspaper* (Nova Iorque, 1855-1922), *Hollandsche Illustratie* (Amsterdã, 1864-1919), *Vsemirnaya Illyustratziya* (São Petersburgo, 1869-?), *La Ilustracion Española y Americana* (Madri, 1869-1921) e *L'Illustrazione Italiana* (Milão, 1873-1962).

No Brasil, após a década de 1850, houve algumas transformações infra-estruturais, quando capitais foram aplicados para a construção das primeiras estradas de ferro, linhas telegráficas e de navegação, instauração da iluminação a gás e de primeiras escolas de instrução pública. Em 1874 foi inaugurado o cabo telegráfico, que ligou o Brasil e a Europa, via Recife e Lisboa e que, no ano seguinte, chegou ao Rio de Janeiro. Embora tenham ocorrido desenvolvimentos em algumas áreas, para editar um jornal ou revista no país era necessária a importação de outros instrumentos que não se fabricavam em solo nacional, como tipos, máquinas de impressão, tintas, papéis, etc., bem como placas com imagens gravadas, primordiais para suprir a demanda da comunicação visual.

---

<sup>1</sup> Para Walter Benjamin (1986), a reprodutibilidade técnica da imagem foi decorrente de impressos periódicos, que disseminaram estampas litográficas que apresentavam uma nova representação para a vida cotidiana. Paralelas a esta técnica de reprodução da imagem também foram o talho doce e a xilogravura, este último um método capaz de reproduzir muitas gravuras primorosas em pouco tempo, o que contribuiu para a proliferação de imagens no Oitocentos.

<sup>2</sup> De maneira geral, é difícil classificar revistas e jornais no século XIX, pois as características materiais de ambos os gêneros eram bastante semelhantes. Seguimos a indicação de Ana Luiza Martins que estende para o Oitocentos a definição de revistas. A autora propõe que uma revista se distinguia dos jornais pela presença de certos elementos materiais, como a capa, o artigo de fundo e o caráter fragmentário e periódico (MARTINS, 2008, p. 46).

Em relação às dificuldades do desenvolvimento da imprensa no país, ainda acresceu-se a falta de mão de obra para a produção da xilogravura. A saída de alguns periódicos foi utilizar clichês produzidos pela técnica da galvanoplastia, que foram importados de sociedades e de casas editoriais, que produziam revistas ilustradas na Europa e nos Estados Unidos. Este comércio de segunda mão previa a reutilização de chapas que reproduziam estampas já publicadas em grandes periódicos, assim, elas eram vendidas para outros títulos que, na maioria dos casos, não circulavam no país de origem da matriz. Embora este não tenha sido um processo formal de produção da imagem no Brasil, não se pode negligenciar a existência de títulos que usaram esta técnica, fenômeno que ocasionou uma proliferação de imagens no século XIX e que ainda precisa ser estudada sob o ponto de vista da circulação transatlântica.<sup>3</sup> O método possibilitou que circulassem estampas bastante aprimoradas que reproduziam obras de artes famosas, pessoas ilustres, paisagens pitorescas e cotidianas, além de testemunharem fatos e acontecimentos de várias partes do mundo, sejam eles sobre mudanças técnicas e o progresso das nações ou os conflitos imperialistas.

No Brasil houve alguns títulos que usufruíram da galvanoplastia. No ano da inauguração da Estrada de Ferro Mauá, a primeira ferrovia do país, surgiu o mensário *Ilustração Brasileira* (RJ, 1854-1855) sob direção de Ernesto de Souza Oliveira Coutinho e de propriedade de Ciro Cardoso de Meneses. Embora este periódico tenha seguido alguns aspectos do padrão europeu e norte-americano das revistas de atualidades, apenas com o *Brasil Ilustrado* (RJ, 1855-1856) o gênero foi finalmente inaugurado. O conteúdo visual da revista se dividiu em exibir retratos litografados da Família Real e gravuras importadas do exterior.

Após o encerramento do *Brasil Ilustrado*, inaugurou-se um modelo estético de periódicos ilustrados de humor, gênero que até hoje se conhece como o processo formal da imprensa ilustrada brasileira do Oitocentos. O padrão foi consagrado com o lançamento da

---

<sup>3</sup> Foi Orlando da Costa Ferreira (1994, p. 208-213) quem chamou a atenção para títulos no Brasil que usaram a galvanoplastia. O autor é retomado em artigo de Rafael Cardoso (2011, p. 20), publicado numa coletânea sobre revistas ilustradas do século XIX e início do XX.

*Semana Ilustrada* (RJ, 1860-1875), que estampou desenhos litografados pelo caricaturista alemão Henrique Fleiuss (1824-1882), e seguida por outras revistas, como a *Ba-Ta-Clan* (RJ, 1867-1872), *A Vida Fluminense* (RJ, 1868-1875) e *O Mosquito* (RJ, 1869-1877).

Apenas na década de 1870 o gênero de revistas ilustradas das atualidades e de cunho “sério” voltou a circular e foi Henrique Fleiuss que o reiniciou com o encerramento da *Semana Ilustrada* e o lançamento da *Ilustração Brasileira* (RJ, 1876-1878), ao abandonar a litografia e utilizar clichês importados da Alemanha. Os motivos que, provavelmente, levaram o editor à nova empreitada apontam desde as experiências acumuladas no ramo da imprensa ilustrada até a sua relação amigável com D. Pedro II e com a Corte. Estudos sobre o periódico revelaram que seu objetivo foi o de criar uma revista que contribuísse para alterar a visão do país, de uma nação romantizada e indianista para uma nação civilizada e aspirante ao progresso (AZEVEDO, 2010, p. 34-36).

Os anos de 1875 e 1876 são emblemáticos para a imprensa ilustrada no país, uma vez que encerrou periódicos de sucesso e inaugurou outros como a *Revista Ilustrada* (RJ, 1876-1893), *O Fígaro* (1876-1878), *O Mequetrefe* (RJ, 1875-1893), *O Psit!!!* (RJ, 1877) e *O Besouro* (RJ, 1878-1879). Na década de 1870 houve o “bando de ideias novas”, no dizer de Silvio Romero (1900), período marcado pela propagação do positivismo e do evolucionismo, e debates em torno do trabalho servil, além de outras discussões sobre a crise economia e política no Brasil, questões que aqueceram a opinião pública. Foi neste cenário que em 1876, poucos dias depois do surgimento da *Ilustração Brasileira* que a *Ilustração do Brasil* e a *Ilustração Popular* foram lançadas, como concorrentes diretas da revista de Henrique Fleiuss.

A *Ilustração do Brasil* e a *Ilustração Popular* foram idealizadas por Charles Francis de Vivaldi, ítalo-americano que residiu no Brasil a partir de 1861, quando, devido à luta partidária travada na imprensa norte-americana, foi nomeado por Abraham Lincoln (1809-1865) para ocupar o consulado dos Estados Unidos em Santos. No Brasil, ao lado do cargo de cônsul, Vivaldi inaugurou em Santos, em parceria com o enteado Edward Lawe Meade, a Casa de Comissão de Vivaldi, Meade & C. que comercializava produtos manufaturados importados de Nova Iorque, como as máquinas de costura Howe, ramo que

prosperou nos anos de 1867 e 1868. Entretanto, em 1869, o comerciante abandonou o consulado, fechou o estabelecimento comercial em Santos e passou a residir no Rio de Janeiro com a família, a esposa Mary Frances Meade (1821-1885) e a filha Corina de Vivaldi, quiçá devido à morte do enteado Meade, ocorrida naquele ano. Apesar da atividade diplomática e comercial, Vivaldi atuou na imprensa ao desenvolver trabalhos de redator, colaborador e/ou proprietário de impressos estrangeiros e em língua estrangeira.

As relações comerciais de Charles de Vivaldi também podem ser vistas em sua atividade na imprensa. Anos antes da *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*, Vivaldi foi proprietário dos: *The Correspondence of Brazil* (RJ, 1869), em associação com Henrique Gustavo Tiepke, jornal publicado em português, inglês, italiano e alemão; *Jornal da Tarde* (RJ, 1869-1872), com Manuel Pacheco (1812-1889); *Ilustração Anglo-Brasileira* (RJ, 1870), periódico que contou com uma equipe de proprietários e agentes; *The South American Mail* (RJ, 1873-1877), publicado em inglês; *La Gazzetta Italiana del Brasile* (RJ, 1875), em língua italiana. Ainda, durante a circulação das revistas ilustradas, o ítalo-americano lançou mais um jornal em italiano, o *L'Emigrante Italiano* (RJ, 1878). A efemeridade que marcou a maioria dos periódicos de Vivaldi mostra o quanto era incerto o mercado de impressos no Brasil do Oitocentos, entretanto, enquanto o editor residiu no país, esforçou-se numa luta incansável em publicar jornais e revistas por meio de diversas relações comerciais. Quando um periódico encerrava suas atividades, o proprietário fechava outra associação para o lançamento do próximo título, este, geralmente, distinto do anterior em relação à temática, ao gênero ou ao idioma, como jornais e revistas em inglês, italiano ou português, numa busca infatigável de um público leitor.

Para o lançamento da *Ilustração do Brasil*, Charles de Vivaldi realizou um contrato com João Carlos Backheuser, que previa o empréstimo de 10:000\$000 para financiamento da revista, em troca do repasse de um quarto do lucro obtido.<sup>4</sup> Com periodicidade quinzenal, a revista foi publicada nos dias 10 e 25, com exceção do primeiro número datado em 29 de

---

<sup>4</sup> O valor deveria ser liberado conforme a rentabilidade da revista. Em um primeiro momento, Backheuser deu 3:000\$000 e o restante deveria ser entregue ao longo de seis meses. Contrato publicado na *Revista Mensal das Decisões Proferidas pela Relação da Corte*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 08, p. 983-985, setembro e outubro de 1877.

## ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

julho de 1876, homenagem ao aniversário da Princesa Isabel. Posteriormente, com o lançamento da *Ilustração Popular*, o periódico alterou a periodicidade, ou seja, na sétima edição de 19 de outubro passou a ser editada semanalmente e veiculada aos sábados.

Em 07 de outubro de 1876, saiu a luz a *Ilustração Popular*, publicada às quintas-feiras. Corina de Vivaldi, filha de Charles, teria assumido a direção literária da revista em 1877 (BLAKE, 1893, p. 139), porém não houve informação no periódico que atestasse esse dado. Figurou na capa apenas o nome de Vivaldi como proprietário.

Segundo editoriais de lançamento, as ilustrações de Charles de Vivaldi tiveram como objetivo a difusão da instrução de todas as camadas sociais. Como sugere o título de uma das revistas, a *Ilustração Popular* foi destinada “a mansão do pobre” e aos menos instruídos, o que alude que a *Ilustração do Brasil* tivesse um perfil mais elitista, embora o programa deste periódico não definisse a condição social e intelectual do leitor a que se destinava. Entretanto, tais categorizações não podem revelar de fato quais eram os leitores das revistas, a exemplo da versão “popular”, a qual também se dirigiu às jovens mulheres que, ainda sendo educadas, poderiam pertencer à elite. Vale destacar que o empreendimento também apontava para o nível intelectual do leitor, o que é difícil também de determinar, pois é possível que um indivíduo de camada social elevada que adquirisse a versão luxuosa pudesse apresentar uma condição intelectual inferior em relação ao jovem estudante com baixa condição financeira, que apenas permitiria adquirir o impresso popular.

Do ponto de vista econômico, a *Ilustração do Brasil* e a *Ilustração Popular* foram vendidos por um baixo valor em comparação com impressos do mesmo gênero. Como já foi destacada, a possibilidade de venda deste tipo de revistas por um preço bastante ínfimo foi devido ao comércio de clichês importados.

**Quadro 01.** Valores dos periódicos em 1876 e 1877.

Periódico e periodicidade	Corte		Província		Avulso
	Semestral	Anual	Semestral	Anual	
<i>Ilustração do Brasil</i>					
Semanal e quinzenal	7\$000	12\$000	8\$000	14\$000	300 réis
<i>Ilustração Popular</i>					
Semanal	2\$500	5\$000	4\$000	8\$000	100 réis

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

<i>Ilustração Brasileira</i>					
Quinzenal	11\$000	20\$000	12\$000	22\$000	1\$000
<i>Revista Ilustrada</i>					
Semanal	9\$000	16\$000	11\$000	20\$000	500 réis

**Fonte:** Autoral.

Nos anos de 1876 e 1877, a *Ilustração Brasileira* de Henrique Fleiuss foi uma das revistas mais custosas em circulação. Em comparação, as revistas de Vivaldi tinham valores entre três a dez vezes menores do que sua concorrente. Mesmo em relação à *Revista Ilustrada*, o periódico de Fleiuss era bastante dispendioso para o leitor. Dentre todos os impressos exibidos (quadro 01) a *Ilustração Popular* possuiu o custo mais baixo. Por um pequeno valor avulso, aproximado ao custo de um jornal diário de quatro páginas em circulação na época, o leitor adquiria uma revista com gravuras que estampavam acontecimentos internacionais.

Embora Henrique Fleiuss também utilizasse gravuras importadas, um dos motivos do baixo custo das revistas de Charles de Vivaldi, afora seus contratos de financiamento, foi devido aos galvanos de segunda mão. A *Ilustração do Brasil* publicou 507 gravuras e a *Ilustração Popular*, 132, e, destes números, 472 (93,1%) e 129 (97,3%) imagens, respectivamente, foram localizadas na *L'Illustrazione Italiana* (1876-1962), periódico editado pela Fratelli Treves.<sup>5</sup> Portanto, o fato de constar grande quantidade de estampas originárias de apenas uma fonte conclui que Vivaldi realizou contrato com a editora italiana. Desta maneira, o comerciante e redator ítalo-americano possibilitou que circulassem no Brasil gravuras internacionais que estampavam fatos e acontecimentos pelo mundo, o que provavelmente supriu uma demanda no país em relação à comunicação visual.<sup>6</sup>

Importadas de um periódico de atualidades da Itália, em sua maioria, as imagens publicadas na *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular* correspondiam ao objetivo das

---

<sup>5</sup> Foi possível localizar a origem das estampas publicadas nas revistas de Charles de Vivaldi por meio das assinaturas dos ilustradores e gravadores presentes nas gravuras.

<sup>6</sup> A crítica à historiografia nacional-desenvolvimentista em relação aos periódicos em circulação no Brasil no século XIX e início do XX tem sido questionada com a história do design, principalmente com Rafael Cardoso (2011), e com projetos em torno das transferências culturais, que analisam periódicos publicados em língua estrangeira no país. Para saber mais sobre conferir a obra *Imprensa estrangeira publicada no Brasil – primeiras incursões*, organizada por Valéria Guimarães e Tania Regina de Luca.

revistas ilustradas da segunda metade do século XIX, que noticiavam sobre os principais acontecimentos no mundo. Entretanto, uma vez que Vivaldi reproduzia gravuras de segunda mão, resta saber se as imagens ainda estampavam as novidades da época e como foi realizada a apropriação das estampas produzidas em solo nacional distinto e adaptadas às revistas brasileiras.

**Quadro 1.** Data da publicação de algumas estampas na *L'Illustrazione Italiana* e *Ilustração do Brasil*

Estampa	<i>L'Illustrazione Italiana</i>	<i>Ilustração do Brasil</i>	Diferença em dias
Maria Stuart e Elizabeth da Inglaterra	07 maio 1876	29 jul. 1876	83
Exposição Universal da Filadélfia - interior da Galeria da Horticultura	30 jul. 1876	25 set. 1876	58
Guerra turco-eslava - acampamento da Legião Cristã a serviço turco	20 ago. 1876	26 out. 1876	67
Exposição Universal da Filadélfia - A grande cascata na Galeria das Máquinas	03 set. 1876	09 nov. 1876	67
Reino da Itália - o canhão de 100 toneladas, expressamente fundido para o grande encouraçado italiano Duilio	12 nov. 1876	15 fev. 1877	95
Atualidade - a ex-imperatriz Eugênia recebida no Vaticano por S. S. Pio IX	07 jan. 1877	15 mar. 1877	67
Proclamação do império nas Índias - o vice-rei, Lord Lytton, lendo na Assembleia em Deli o telegrama da rainha Vitória	18 fev. 1877	24 maio 1877	95
Penélope e Phrine – quadros de Charles Marchal	15 abr. 1877	28 jun. 1877	74
Guerra turco-russa - vista da cidade e fortaleza de Bajazid, na Armênia	29 jul. 1877	15 out. 1877	77

Fonte: autoral

Para a tabela acima foram selecionadas algumas estampas que apresentaram menor período de tempo de publicações entre a *L'Illustrazione Italiana* e a *Ilustração do Brasil*.<sup>7</sup> Em média, a diferença de tempo era de 75 dias, período não tão elevado para a época, tendo em vista que, do número, 20 a 30 dias referia-se ao trajeto pelo Atlântico. Assim, pode-se

<sup>7</sup> A *Ilustração Popular* não entrou na avaliação quantitativa tendo em vista que das 132 estampas deste periódico, apenas 20 não foram publicadas na *Ilustração do Brasil*.

dizer que a publicação de algumas estampas deu-se de maneira quase simultânea entre as duas revistas. Embora parte das gravuras ilustrassem notícias que já se encontravam em circulação na imprensa brasileira, as imagens possibilitaram que os leitores tivessem uma ilustração mental do evento, que, por vezes, acompanhavam textos, que induziam para uma dada leitura da imagem. Além disso, algumas estampas também ressaltavam as ideias de progresso e civilização propagadas pela revista.

**Imagens 1 e 2.** O presidente dos EUA, Rutherford B. Hayes, na *L'Illustrazione Italiana* e *Ilustração do Brasil*, respectivamente.



**Fonte:** *L'Illustrazione Italiana*, ano 4, n. 10, p. 145, 11 mar. 1877, disponível em Digiteca da *Biblioteca di storia moderna e contemporanea* e *Ilustração do Brasil*, ano 2, n. 47, p. 417, 26 jul. 1877, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No exemplo, acima, o busto do presidente dos Estados Unidos, Rutherford B. Hayes (1822-1893), eleito em março de 1877 foi estampado na *Ilustração do Brasil* em julho de 1877, mês em que se comemorou o 101º aniversário da Independência da nação norte-americana. A estampa mereceu um pequeno texto dando salvas à eleição de Hayes, entretanto, antes deste também houve a publicação de artigo elogiando George Washington (1732-1799), texto que engrandece a República dos Estados Unidos e a compara ao

fracasso do Império de Bonaparte.<sup>8</sup> É possível notar que a função da estampa foi muito mais do que noticiar, mas a publicação do retrato ressaltava o tom laudatório do artigo e atestava que o sistema de governo da nação norte-americana ainda resistia.

Nas revistas de Charles de Vivaldi o conteúdo textual, em algumas ocasiões, correspondia com o que as estampas representavam, mesmo sem descrevê-las. A representação destas gravuras muitas vezes obedecia às ideias propagadas pelos editoriais e artigos, principalmente quando abordavam sobre a questão do progresso do país, que estavam imbuídos de um discurso pautado na tradição iluminista. Em editorial do primeiro número, intitulado “Paz, luz e trabalho”, da *Ilustração do Brasil*, a riqueza material, fruto do trabalho, foi bastante ressaltada, cujo desenvolvimento técnico e científico apenas seria possível num ambiente de paz. O longo texto explicou os significados da tríade e quais seus benefícios para o país.

“[...] A luz é a vida, em sua manifestação mais sublime. A cegueira do entendimento, é como a cegueira dos sentidos; só produz trevas. A instrução do povo, é pois o alimento de sua existência espiritual. [...] é preciso que o cérebro humano esteja inundado de luz, que os conhecimentos sejam variados e seguros, a sua razão esclarecida e independente, o seu raciocínio pronto e claro, a sua concepção livre e só assim poderá o homem assumir em toda a sua plenitude a responsabilidade de seus atos, garantia única da liberdade e da ordem, nas evoluções periódicas e infalíveis do progresso social”.<sup>9</sup>

O inverso da paz, ou seja, a guerra também foi alvo de críticas nas revistas:

A guerra é a destruição; a paz o florescimento e a garantia suprema da existência dos povos. Se todos os milhões de homens, que apenas as guerras deste século têm exterminado, houvessem aplicado a sua inteligência e a sua energia aos trabalhos do campo, às invenções mecânicas, à atividade das indústrias, às experiências de navegação aérea, ao estudo dos meios práticos de elevar a condição do proletário sem por em risco a segurança da sociedade nem afrouxar as garantias da estabilidade manufatureira, [isto seria] a solução, finalmente, de todos os grandes problemas sociais que se agitam em nosso tempo. Quem pode afirmar qual seria o grau de civilização que teria alcançado a esta hora o século XIX.<sup>10</sup>

---

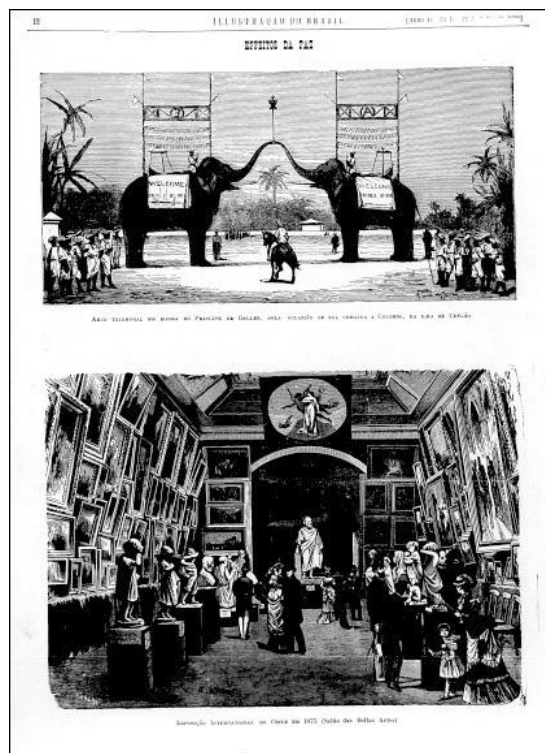
<sup>8</sup> “Washington e Bonaparte”, *Ilustração do Brasil*, ano 2, n. 47, p. 419, 26 jul. 1877.

<sup>9</sup> “Paz, luz e trabalho”, *Ilustração do Brasil*, vol. 1, n. 01, p. 03, 29 jul. 1876.

<sup>10</sup> *Id.* Com correções gramaticais.

Este discurso do progresso foi representado em gravuras que, embora o editorial citado não faça menção a elas, reforçaram a dicotomia descrita.

### Imagem 3. Efeitos da Paz



**Fonte:** *Ilustração do Brasil*, vol. 1, n. 01, p. 12, 29 jul. 1876. Nas legendas das estampas lê-se, respectivamente: “Arco triunfal em honra do Príncipe de Gales, pela ocasião de sua chegada a Colombo, na Ilha de Ceilão” e “Exposição Internacional do Chile em 1875 (Salão das Belas Artes)”. Disponível em: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

### Imagem 4. Efeitos da Guerra



**Fonte:** *Ilustração do Brasil*, vol. 1, n. 01, p. 12, 29 jul. 1876. Não há legenda na imagem. Disponível em: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As duas imagens que representaram os efeitos da paz exibiram a Exposição Internacional no Chile de 1875, e a visita de Alberto Eduardo (1841-1910), Príncipe de Gales, à Ilha de Catão, no continente asiático. As estampas ilustraram feitos resultantes da boa convivência entre os povos e dos esforços no desenvolvimento, não apenas econômico, mas das Artes.

Dentre as várias gravuras recebidas da editora de Emilie Trèves, Charles de Vivaldi escolheu o quadro “Dopo Solferino” do pintor italiano Giacomo Mantegazza (1853-1920) para ilustrar os efeitos da guerra. A publicação na *L’Illustrazione Italiana* foi em decorrência da Exposição de Arte de Brera, distrito de Milão, ocorrida em 1875.<sup>11</sup> Embora o quadro referiu-se à Batalha de Solferino, ocorrida em 1859, na *Ilustração do Brasil*, a estampa não recebeu legenda o que indica claramente que a intenção de Vivaldi não foi anunciar a pintura e seu artista, e tão pouco o evento, mas ilustrar a destruição material e o sofrimento dos povos decorrentes das guerras, a exemplo da Guerra Franco-Prussiana, de 1870 e 1871, e dos conflitos bélicos que eclodiriam na Guerra Russo-Turca, em 1877. A

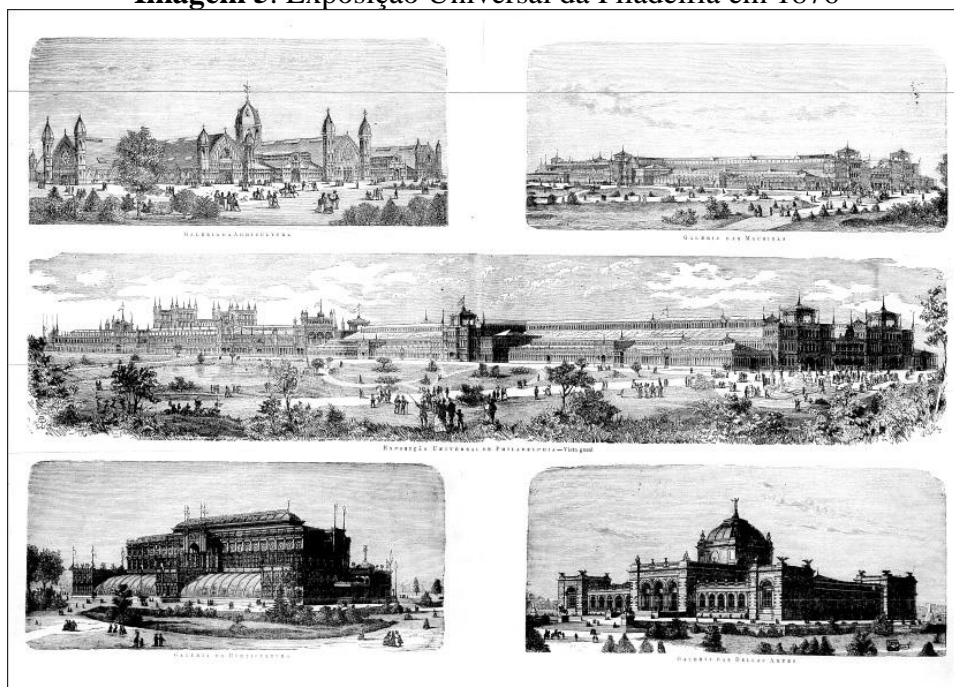
---

<sup>11</sup> “Brera nel 1875, Dopo Solferino, quadro di Giacomo Mantegazza (disegno dell’autore)”, *L’Illustrazione Italiana*, vol. 3, n. 03, p. 40, 14 nov. 1875.

estampa foi uma representação do discurso civilizatório presente no conteúdo textual das revistas. Estas ocorrências demonstram como algumas estampas importadas por Charles de Vivaldi foram reutilizadas e adaptadas num contexto distinto daquele em que elas foram produzidas.

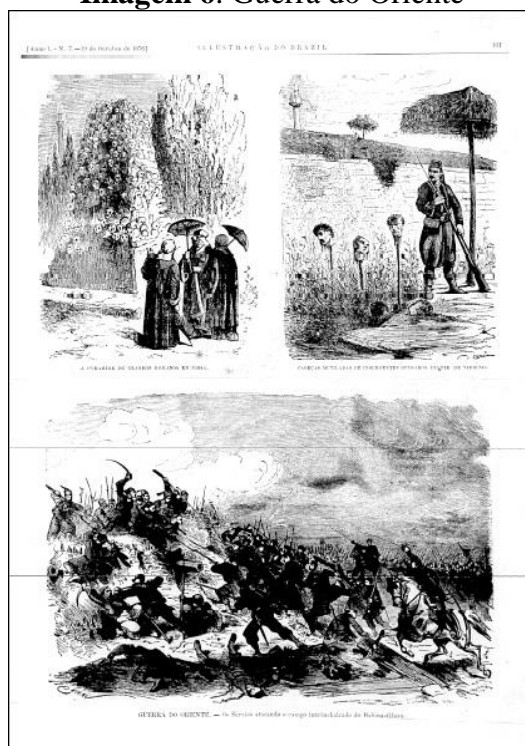
As estampas retrataram diversos acontecimentos, desde assuntos diplomáticos até reproduções de obras de arte em exposição em galerias e eventos da época. Nos anos de 1876 e 1877, a Exposição Universal da Filadélfia, ocorrida nos Estados Unidos, e a Guerra turco-russa, foram temas de assuntos recorrentes na *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*. Foram 25 e seis estampas sobre a Exposição publicadas nas revistas, respectivamente, e sobre a Guerra do Oriente foram publicadas 17 e três gravuras. Embora um dos motivos da presença marcante dos acontecimentos nos periódicos foi em decorrência da grande repercussão que ambos causaram na imprensa mundial, os eventos foram divulgados por Charles de Vivaldi para reforçar o que o comerciante e redator acreditou ser o melhor modelo de civilização para o Brasil, que ainda encontrava-se rumo ao progresso, esperado num futuro próximo.

**Imagem 5.** Exposição Universal da Filadélfia em 1876



**Fonte:** *Ilustração do Brasil*, ano 1, n. 03, p. 40 e 41, 25 ago. 1876. Na legenda lê-se: “Galeria da Agricultura”, “Galeria das Máquinas”, “Exposição Universal da Filadélfia – vista geral”, “Galeria da Horticultura”, “Galeria das Belas Artes”. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

### Imagem 6. Guerra do Oriente



**Fonte:** *Ilustração do Brasil*, ano 1, n. 07, p. 101, 19 out. 1876. Nas legendas lê-se: “A pirâmide de crânios humanos em Nissa”, “Cabeças mutiladas de insurgentes búlgaros diante de Vidino” e “Os sérvios atacando o campo de entrincheirados de Babina-Glavia”. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As estampas sobre a Exposição da Filadélfia e os conflitos do oriente acompanhavam textos que esboçavam a ideia da dicotomia, entre o progresso e a destruição. Cada evento foi representado com uma temática em torno da ideologia, sendo a Exposição resultado da paz, ambiente em que foi possível a disseminação da instrução popular e do trabalho, o que gerou o adiantamento econômico e social dos Estados Unidos, entretanto, por outro lado, houve as guerras, que ao provocar a destruição impossibilitavam o avanço das nações. Desta maneira, América foi frequentemente exaltada nas revistas de Vivaldi,

continente propício para a exploração dos locais naturais e desenvolvimento técnico e científico:

É talvez mais fácil na América a realização deste sonho ideal, que faz pulsar todos os corações generosos. As florestas virgens e em grande parte ainda desconhecidas, as suas planícies imensas, que abraçam milhões de léguas, seus rios gigantes e suas montanhas coroadas de eterna vegetação, como suas elevadas cordilheiras estão coradas de eternos gelos, todos estes vastos territórios despovoados, precisão da paz, da ordem e da harmonia entre os homens para engrandecer-se, prosperar e firmar em bases seguras as condições da civilização do mundo futuro.<sup>12</sup>

Mais do que ligados aos eventos em si, os textos, aliados com as estampas, além de informarem sobre os acontecimentos, tinham a função de indicar ao leitor que o Brasil deveria seguir o modelo da sociedade norte-americana:

Na Europa, em nome de falso orgulho e de vaidade inconfessável, vai poderosa nação destruir, aniquilar um povo. Na América abrem-se novos horizontes, o trabalho, e a locomotiva, mensageira do progresso, fertiliza os campos, por onde passa altiva a sibilar.<sup>13</sup>

Este discurso de que ao novo mundo era reservado o desenvolvimento técnico e cultural esteve mais evidente na *Ilustração Popular* com as seções “América” e “Europa”.<sup>14</sup> Ao contrário da velha Europa, onde predominava o conflito, devido à Guerra do Oriente, ao novo mundo prometia-se a prosperidade. Os Estados Unidos guiaria os povos para a evolução econômica e social, uma vez que ao desenvolver sua indústria rapidamente, alcançando outras nações civilizadas, materializava o discurso do progresso (PESAVENTO, 1997, p. 147). Ao lado deste país deveria estar o Brasil, representante da América do Sul. Ambos os grandes países americanos constituíam-se no exemplo de civilização para as demais nações do continente. Nas revistas de Vivaldi, o estreitamento entre os países era importante, principalmente do ponto de vista econômico, uma vez que ambos buscavam o liberalismo, corrente que acompanhava as ideologias de evolução das nações. Assim, segundo os redatores, o progresso, que trazia em si a ideia de um tempo linear, algo

---

<sup>12</sup> “Paz, luz e trabalho”, *Ilustração do Brasil*, ano 1, n. 01, p. 03, 29 jul. 1876.

<sup>13</sup> Seção “Em Família”, *Ilustração do Brasil*, ano 1, n. 45, p. 402-3, 12 jul. 1877.

<sup>14</sup> Houve 08 ocorrências da seção “América” e 05 da “Europa”, publicadas entre 07 de outubro e 25 de novembro de 1876.

homogêneo e gradativo,<sup>15</sup> em breve estaria presente na nação sul-americana. Embora este país ainda estivesse alguns passos atrás da norte-americana, em pouco tempo alcançaria o patamar de desenvolvimento de sua “nação irmã”.<sup>16</sup>

Com a *Ilustração do Brasil* e a *Ilustração Popular*, Charles de Vivaldi abriu possibilidades para que os leitores, provavelmente de condições econômicas, sociais e intelectuais distintas, pudessem ter acesso a conteúdos diversificados que noticiavam sobre diversos acontecimentos do mundo tanto de maneira textual, mas também pelo visual com estampas que retrataram personalidades políticas nacionais e internacionais e cenas do desenvolvimento técnico e científico das nações, de batalhas do conflito do Oriente e do cotidiano de alguns povos e civilizações. Dentre estes temas, o comerciante e redator Vivaldi selecionou estampas sobre eventos artísticos e científicos e sobre experimentos de instrumentos tecnológicos, gravuras que ilustravam o progresso das civilizações, cuja nação modelo ao Brasil esteve representada nos Estados Unidos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Silvia Maria. *O Brasil em imagens: um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Mágia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 165-196.

---

<sup>15</sup> Sobre a ideia de progresso, presente nas Exposições Universais, por exemplo, Turazzi diz que “(...) progresso, no século XIX, era também sinônimo de uma determinada visão do tempo e da história. (...) Crença inabalável de um tempo linear, homogêneo e progressivo na evolução de todas as sociedades” e que acabaria por eliminar todas as desigualdades sociais e econômicas das nações que participavam das exposições. TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 28.

<sup>16</sup> Em editorial intitulado “A Monarquia” publicado na *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*, na opinião dos redatores, ambos os governos dos Estados Unidos e do Brasil “[...] são bons, contanto que se baseiem no direito e na justiça. Se há monarquias organizadas sobre bases muito liberais, há também repúblicas onde a opressão é tirânica”. Os grandes países da América do Norte e do Sul eram nações irmãs por que ambas eram liberais. O texto ainda diz que o sistema de governo dos países não poderia alterar-se: “[...] os Estados Unidos ser uma monarquia? Nunca! Seria retrogradar um século, desmerecendo as suas glórias, eliminando a sua história. Vingará a propaganda republicana no Brasil? Do mesmo modo responderemos – Nunca”. Na opinião da redação, ambas as nações têm instituições liberais, progresso que marcha, estabilidade de um governo e províncias e estados unidos. Ao Brasil faltaria somente elevar-se ao patamar da nação irmã, algo que a Providencia estaria preparando.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Tomo I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra: introdução à bibliologia brasileira, a imagem gravada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século. XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ROMERO, Sílvio. “Explicações Indispensáveis”. In. BARRETO, Tobias. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1900, p. 9-53.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.